

## Contextos e práticas funerárias calcolíticas do Baixo Alentejo Interior (Portugal)

Joana Rita Inocêncio\* e Ana M.S. Bettencourt\*\*

### Resumo:

Este artigo tem como objectivo apresentar alguns dados e considerações sobre o mundo funerário calcolítico do Baixo Alentejo interior através da análise comparativa dos sítios de Alto de Brinches 3 e Torre Velha 3 (S. Salvador, Serpa) e Porto Torrão sector 3-Oeste (Ferreira do Alentejo). Nestes contextos foram analisadas 11 estruturas funerárias tendo em conta aspectos como a arquitectura, características do enterramento, oferendas, género e idade. Os enterramentos foram realizados preferencialmente em fossa escavada na rocha; nos ritos verificámos a prática de inumações individuais primárias, com algumas deposições secundárias em ossários; a orientação dos enterramentos era diversificada, mas o sentido O-E foi majoritário; os cadáveres foram enterrados em decúbito lateral, com variações; as oferendas eram raras. Este tipo de resultados permitiu-nos, elaborar uma série de questões sobre as práticas funerárias do Calcolítico da região em estudo a responder no âmbito de outro tipo de trabalhos.

### Abstract:

This paper aims to present some data and considerations about the Chalcolithic funerary practices of Baixo Alentejo interior through a comparative analysis for the sites of Alto de Brinches 3 and Torre Velha 3 (S. Salvador, Serpa, Beja) and Porto Torrão sector 3-West (Ferreira do Alentejo, Beja). In these contexts were analyzed 11 funerary structures taking into account items as architecture, burial characteristics, offerings, gender and age. Burials were mainly conducted in pit dug in the rock. About the rites we had noticed the practice of individual burials, mostly primary, and some cases of secondary deposition expressed by ossuaries. The orientation of burials was diverse, but the West/East had recorded the highest number of cases. The corpses were buried mainly in the lateral position, with variations between them. Offerings were rare. Such results allowed us to develop a series of questions about the Chalcolithic burial practices of the region under study, to answer in other type of work.

\* Mestranda em Arqueologia da Universidade do Minho

\*\* Departamento de História, Universidade do Minho, CITCEM



## INTRODUÇÃO

O Baixo Alentejo interior caracterizou-se, durante várias décadas, por ser um espaço com fraca ocorrência de vestígios arqueológicos, aspeto relacionado com o reduzido investimento em trabalhos de prospeção e de escavação.

Com o advento do projeto da Barragem do Alqueva da responsabilidade da *Empresa de Desenvolvimento e Infra-estruturas do Alqueva – EDIA, S.A.* esta situação alterou-se. Os projectos e as obras que decorreram entre 1984 e 2010, foram alvo de acompanhamentos arqueológicos. Para alguns sítios houve necessidade de se proceder à escavação arqueológica da área afetada. Os trabalhos arqueológicos permitiram recuperar informações que colocaram em evidência uma ocupação bastante significativa deste espaço, nomeadamente, no que ao Calcolítico diz respeito, em termos de recintos ou povoados monumentais (Valera e Filipe 2004; Valera *et al.* 2010; Valera *et al.* no prelo), de povoados (Alves *et al.* 2009; 2010) e de alguns contextos funerários. Em relação a estes últimos, conhecem-se apenas estudos publicados sob a forma de artigos ou apresentados através de comunicações ou posters em eventos científicos (Rodrigues *et al.* 2012; Valera *et al.* no prelo), assim como informações publicadas em livros de resumos de congressos (Henriques *et al.* 2011).

Com o objectivo de aumentar o conhecimento do mundo funerário do Baixo Alentejo e de tentarmos uma primeira síntese dos dados, ainda que preliminar, são dados a conhecer um conjunto de contextos funerários inéditos ou parcialmente publicados do Baixo Alentejo interior a saber: Alto de Brinches 3; Torre Velha 3 e Porto Torrão Sector 3 – Oeste (Figs. 1 e 2), todos do distrito de Beja. Este foram trabalhados a partir dos relatórios das intervenções arqueológicas a que tivemos acesso (Alves *et al.* 2009; Porfírio *et al.* 2010; Alves *et al.* 2010; Rebuge *et al.* 2010; Umbelino e Amorim 2010) e, posteriormente, cruzados com dados já publicados.

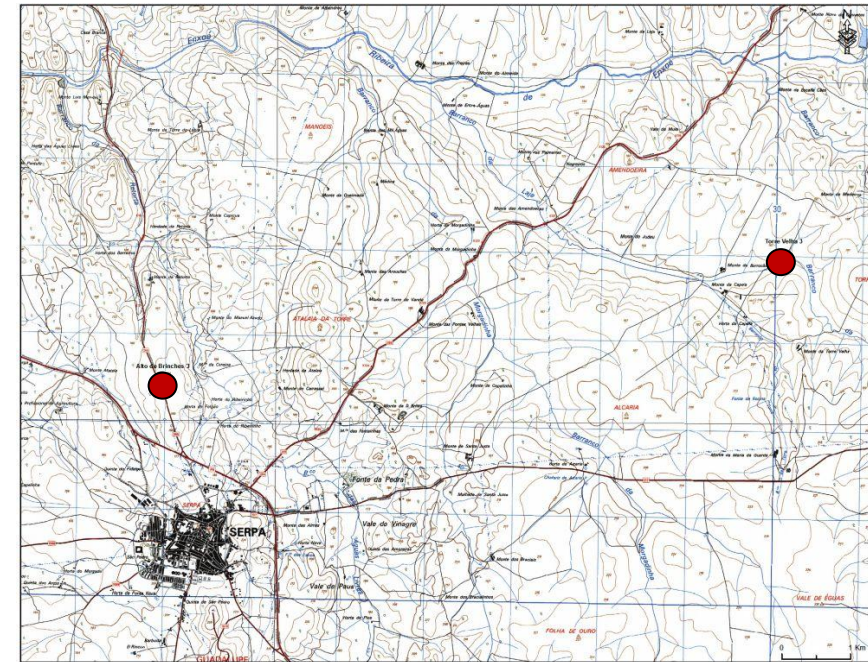


Fig. 1.— Localização dos sítios Alto de Brinches 3 e Torre Velha 3 nas cartas militares nº 532 e 523

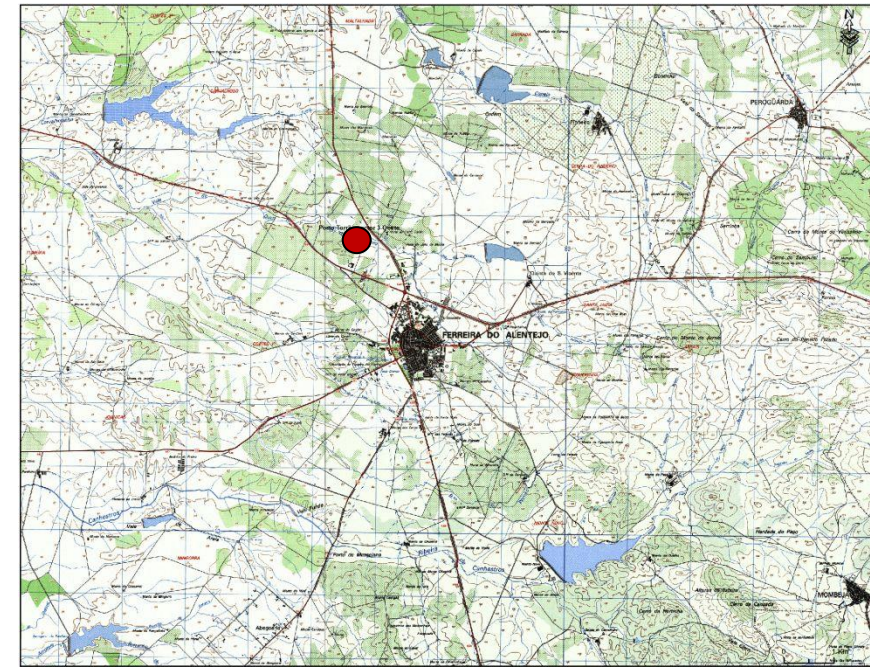
## 1. METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho analisámos um total de onze estruturas funerárias, tendo em conta, a sua localização espacial e arqueológica, os seus aspetos arquitetónicos, as características do(s) enterramento(s), as oferendas, e o género e a faixa etária dos cadáveres, sempre que tal foi possível.

Quanto aos aspetos arquitetónicos, valorizámos o tipo de estrutura de enterramento, com o intuito de perceber o grau de investimento que a comunidade teve na sua construção. Aferimos as dimensões da estrutura, a sua morfologia e o tipo de materiais construtivos utilizados. Tivemos em atenção se estávamos perante um monumento aberto ou fechado e se se tratava de um monumento reutilizado. Considerámos, ainda, a orientação da estrutura e a sua possível utilização com uma função para além da funerária.

Em relação às características de enterramento, tivemos em atenção as particularidades do indivíduo enterrado, partindo do pressuposto de que o tratamento e deposição dos mortos, correspondem a processos que permitem a formulação de um importante conjunto de considerações acerca da forma como as comunidades assinalaram e manifestaram a interrelação entre o espaço, os antepassados e os vivos. Considerámos o tipo de deposição (primária ou secundária), o tipo de enterramento (individual, duplo ou múltiplo), a posição e orientação do corpo, se o esqueleto estava representado na sua totalidade ou se foi verificada a remoção de alguma parte, o género e o grupo etário, as oferendas, o espaço que o indivíduo ocupava no interior da estrutura e, no caso de enterramentos duplos ou múltiplos, a interrelação entre os diferentes indivíduos.

Estivemos também atentos ao aparecimento de fauna mamalógica e malacológica nos contextos funerários, procurando saber as espécies que representavam, se os ossos evidenciavam vestígios de terem sido cozinhados, de corte, se



*Fig. 2.— Localização do sítio de Porto Torrão na carta militar nº 509*

correspondiam a animais inteiros ou apenas a partes específicas. Nestes casos analisámos qual a parte depositada para averiguar a existência de preferências indicadoras de escolhas culturais concretas. Importou-nos perceber a relação da fauna com o enterramento e com a estrutura. Prestámos atenção aos casos em que a fauna mamalógica surgia em associação com vestígios delareiras e recipientes cerâmicos, ponderando possíveis casos de ritos de comensalidade aquando das cerimónias de enterramento.

Quando tivemos dados para tal, foi analisado o espólio existente nas unidades estratigráficas subjacentes e sobrejacentes aos enterramentos para aferirmos cronologias ou outros depósitos intencionais, eventualmente relacionados com os mortos.

## **2. CONTEXTOS E PRÁTICAS FUNERÁRIAS: OS DADOS**

Neste ponto apresentam-se os casos de estudo de Alto de Brinches 3 e Torre Velha 3, na margem esquerda do Guadiana e Porto Torrão, na margem direita. Em cada um destes sítios arqueológicos foram detectados diversos contextos funerários que se analisarão um a um.

### **2.1. Alto de Brinches 3**

Administrativamente, o sítio de Alto de Brinches 3 localiza-se na freguesia de São Salvador, concelho de Serpa, distrito de Beja, com a coordenada M 246826.32; P 110296.70.

Localiza-se no relevo suave, típico da peneplanície alentejana, tendo ocupado, possivelmente, uma elevação (Porfírio *et al.* 2010). Este sítio encontra alguma proximidade com o Barranco da Retorta e com a ribeira do Enxoé, afluente de rio Guadiana.

Implanta-se no maciço de Beja, no “Complexo gabrodiorítico de Cuba” (Porfírio *et al.* 2010: 6), numa área onde existe “confluência de granitos desagregados do paleozóico, com predomínio dos carbonatos (“Barros de Beja”), cobertos por argilas de aluvião” (*Ibidem*).

### *Breve historial dos trabalhos e caracterização arqueológica do sítio*

A primeira intervenção no sítio de Alto de Brinches 3 esteve ao cargo da empresa *Munis Lda.* tendo-se realizado no âmbito do acompanhamento arqueológico das obras de construção do Reservatório Serpa – Norte, em 2009. No decorrer destes trabalhos foram identificadas cerca de 170 estruturas escavadas no subsolo cuja cronologia e funcionalidade não foram apuradas (Porfírio *et al.* 2010). Inicialmente pensou-se que este sítio teria tido uma ocupação centrada na Idade do Bronze porém, com a continuação dos trabalhos por parte da empresa *Palimpsesto Lda.*, registou-se a “presença de inúmeros fragmentos cerâmicos de formas como os pratos de bordo espessado ou os pesos – placas” (Porfírio *et al.* 2010: 5), evidenciando que este sítio teria sido, também, ocupado no Calcolítico.

No total foram intervencionadas 233 estruturas em negativo. As suas características, associadas ao espólio, permitiram atribuir a este sítio um período de ocupação “desde o Calcolítico até à Idade Moderna/Contemporânea” (Porfírio *et al.* 2010: 2).

Ao período Calcolítico foram atribuídas 43 fossas, duas depressões e cinco estruturas negativas interpretadas como fundos de cabana, “quer pela natureza dos seus enchimentos, quer pelas suas características tipológicas” (Porfírio *et al.* 2010: 29).

Dos enterramentos aqui tratados três encontravam-se depositados no interior das estruturas consideradas fundos de cabana e um em sepultura plana, escavada no interior de uma fossa/fundo de cabana.

As características gerais das estruturas e do material encontrado permitiram admitir que aqui terá existido um povoado deste período no seio do qual se efectuaram quatro enterramentos individuais, de dois ossários, além de se terem encontrado ossos soltos (Porfírio *et al.* 2010; Rodrigues 2010).

### *Contextos e práticas funerárias*

#### Contexto funerário 1 (UE 54)

Corresponde a uma estrutura do tipo fossa cuja construção se fez através da sua escavação no substrato geológico. Morfologicamente, apresentava contorno sub-circular, secção sub-retangular, paredes retas, embora a parede norte apresentasse alguma irregularidade, sobretudo ao nível da UE 547, aproximadamente a meio da estrutura. A base era aplanada. As suas dimensões rondavam os cerca de 2 m de comprimento por cerca de 1 m de profundidade.

Esta fossa era preenchida por nove unidades estratigráficas, destas, quatro eram depósitos sedimentares. O único esqueleto encontrado (UE 505), estava aproximadamente a meio da estrutura.

O corpo deste indivíduo estava orientado no sentido Oeste (cabeça) / Este (pés), estando a face virada para Norte. Encontrava-se depositado em decúbito lateral esquerdo, especificamente em posição fetal, com os membros flectidos (Rodrigues 2010). O esqueleto apresentava um fraco estado de preservação, causa possível da remoção da posição anatómica dos ossos constituintes dos membros superiores (*Ibidem*). A análise antropológica revelou que as características do crânio apontavam para um indivíduo do sexo feminino, adulto, de meia-idade a idoso.

No âmbito das oferendas, recuperou-se, junto à extremidade distal do rádio direito (base do polegar), um fragmento de cerâmica manual que não conseguimos estudar.

Do mesmo contexto e no mesmo nível estratigráfico da inumação, foi recuperado um esqueleto de canídeo<sup>1</sup> (UE 481) que se encontrava associado a um conjunto de calhaus de granito, dispostos numa planta parcialmente circular, interpretada como a sua “estrutura sepulcral” (Porfírio *et al.* 2010) (Fig. 3).

A análise dos materiais arqueológicos recuperados das diferentes unidades estratigráficas que compunham esta estrutura permitiu aferir que se tratavam de materiais cronologicamente integráveis no período calcolítico. Deste modo, podemos dizer que o enterramento terá sido realizado durante esta época.



1. Por ainda se encontrar em fase de estudo arqueozoológico, não temos informação da espécie exacta do animal que estava representado neste contexto, podemos apenas dizer que se tratava, possivelmente, de um canídeo, designação que engloba várias espécies (cães, lobos, raposas, etc.).

*Fig. 3.— Contexto funerário 1 de Alto de Brinches 3, onde se pode ver parte do esqueleto humano, depositado lateralmente, associado ao enterramento de canídeo, no centro (s. Porfírio et al. 2010)*

## Contexto funerário 2 (UE 654)

No interior de uma fossa, de contorno sub-circular, perfil trapezoidal e base plana, com cerca de 2 m de diâmetro por cerca de 1 m de profundidade, foi aberta uma sepultura plana. Esta foi aberta no seu quadrante sul, através do corte da UE 690, ou seja, na base da fossa.

A sepultura apresentava contorno oval, seção e base arredondada e estava orientada no sentido Noroeste/Sudeste. As suas dimensões eram de 1 m de comprimento por 42 cm de largura e 22 cm de profundidade (Porfírio *et al.* 2010).

Esta sepultura plana era preenchida por dois depósitos sedimentares, estando o esqueleto (UE 661) sob a UE 654 e sobre a UE 687.

O corpo aqui enterrado estava orientado no sentido Sudeste (cabeça) / Noroeste (pés). Encontrava-se depositado em decúbito ventral “com o crânio sobre o parietal e temporal direitos” (Rodrigues 2010: 18-19). Os membros inferiores estavam hiperfletidos sob o abdómen e os membros superiores estavam fletidos, estando o direito fletido sob a região do tórax.

A posição dos membros superiores e inferiores do indivíduo sugere que estes estariam amarrados pois, segundo informação antropológica, apenas assim o corpo permaneceria naquela posição depois da decomposição dos tecidos moles (Porfírio *et al.* 2010).

O excelente estado de preservação do esqueleto permitiu saber que se tratava de um indivíduo do sexo feminino que, a avaliar pelo desgaste dentário moderado, seria um adulto jovem (Rodrigues 2010).

Junto ao crânio deste inumado foi encontrado um objecto em osso polido (UE 662) possivelmente um objecto de adorno ainda em fase de estudo (Porfírio *et al.* 2010).



A inserção calcolítica deste enterramento é subentendida pela análise do material cerâmico recuperado neste contexto e cujos resultados serão publicados futuramente.

#### Contexto funerário 3 (UE 691)

Tratava-se de uma estrutura do tipo fossa, escavada no substrato geológico, que apresentava um contorno sub-circular, perfil trapezoidal e base plana. Media cerca de 2 m de diâmetro por cerca de 1 m de profundidade.



*Fig. 4.— Contextos funerários 2 (fossa) e 3 (sepultura plana) de Alto de Brinches 3. Fossa com dois enterramentos primários, ossários e ossos soltos onde se abriu uma sepultura plana (s. Porfírio et al. 2010)*

Esta estrutura continha 20 unidades estratigráficas das quais nove eram depósitos sedimentares. Detectaram-se restos de vários esqueletos humanos organizados do seguinte modo: dois enterramentos, aparentemente intencionais; dois ossários e ossos soltos (Figs. 4 a 7) alguns fazendo parte dos enterramentos (Porfírio 2010; Rodrigues 2010), que passaremos a discriminar.

O Esqueleto nº 1, (UE 639) estava sob as UEs 628 e 638 e sobre as UEs 668 e 675. A UE 628 corresponde a um depósito sedimentar de coloração castanho claro acinzentado, compacto e areno-argiloso, de grão médio a grosseiro, contendo alguns vestígios de calhaus de granito e nódulos de caliço; a UE 638 é composta por um conjunto de calhaus de granito dispostos na horizontal e sub-horizontal, ocupando o limite sudoeste da fossa, sobre o crânio. As UEs 668 e 675 correspondem a restos osteológicos que podem pertencer ao indivíduo da UE 639.

O Esqueleto nº 2 (UE 656) estava também sob a UE 628, a 1 m para Norte do anterior, e sobre a UE 690. A UE 690 corresponde a um sedimento cinzento claro acastanhado, solto e areno-siltoso, de grão pequeno que continha alguns calhaus e blocos de granito.

O Ossário 1 (UE 453) estava sob a UE 24 e sobre a UE 262. A UE 24 corresponde a um sedimento castanho claro, compacto e argiloso, de grão médio com algum cascalho grosseiro de granito. A UE 262 é composta por um sedimento castanho avermelhado claro, compacto e areno-argiloso, de grão médio, com algum cascalho e poucos calhaus.

A redução (UE 469) estava sob a mesma UE do ossário anterior e sobre a UE 494. Esta correspondia a um sedimento castanho alaranjado, um pouco compacto e areno-argiloso, de grão médio.

O Ossário 2 (UE 637) estava sob a UE 577 e sobre a UE 628. A UE 577 corresponde a um depósito sedimentar castanho acinzentado, compacto e areno-argiloso, de grão médio, onde se registaram alguns nódulos do substrato



*Fig. 5.— Ossário e ossos soltos provenientes do contexto funerário 1 de Alto de Brinches 3 (s. Porfírio et al. 2010)*

geológico. Já a UE 628 apresenta uma cor castanha clara acinzentada, é compacta e areno-argilosa, de grão médio a grosseiro com alguns calhaus e nódulos de caliço.

A redução (UE 659) estava sob a mesma UE do ossário anterior e sobre a 690. Esta corresponde a um sedimento cinzento claro a acastanhado, solto e areno-siltoso, de grão pequeno, com presença de alguns calhaus e blocos de granito.

O Enterramento 1 (UE 639) parece ter sido um enterramento primário, com o corpo depositado de Oeste (cabeça) para Este (pés), em decúbito lateral direito, junto à parede sudoeste da estrutura. O crânio estava sob e sobre algumas pedras, deposto sobre o parietal e temporal direitos. Encontrava-se em mau estado de preservação. Tratava-se de um indivíduo do sexo feminino, jovem-adulto (Rodrigues 2010).

Em conexão anatómica aparente, foram identificadas “as diáfises de um cúbito e de um rádio esquerdos e um íliaco e fémur esquerdos” (UE 668) (Rodrigues 2010: 15). Estas foram identificadas após o levantamento do Enterramento 1 e, segundo a informação antropológica podem pertencer ao mesmo indivíduo. Ainda nas proximidades do Enterramento 1, registou-se o aparecimento de “uma clavícula e um úmero esquerdos” (UE 659) (*Ibidem*), representando, pelo menos, um indivíduo adulto. Apesar de não mostrarem relação espacial com o Enterramento 1 não é descartada a hipótese de fazerem parte deste.

O Enterramento 2 (UE 656) parece corresponder, também, a uma inumação primária, em que o indivíduo foi orientado no sentido Norte (cabeça) / Sul (pés). A sua deposição foi efectuada em decúbito lateral esquerdo, junto à parede Oeste da fossa. Estava bastante bem preservado. Tratava-se de um indivíduo do sexo masculino, adulto.

Para além das duas deposições primárias, neste contexto encontram-se ainda deposições secundárias. Referimo-nos à existência de dois ossários e de ossos soltos.



*Fig. 6.— Ossário e ossos soltos provenientes do contexto funerário 1 de Alto de Brinches 3 (s. Porfírio et al. 2010)*

O Ossário 1 (UE 453) correspondia às diáfises de um fémur direito, de duas tíbias e de dois perónios de, pelo menos, um indivíduo adulto. Localizava-se junto à parede Sudeste da estrutura (Porfírio *et al.* 2010).

O Ossário 2 (UE 637), composto por “dois íliacos (direito e esquerdo) e as diáfises de dois fémures (direito e esquerdo), de um tibia direita e de um perónio” (Rodrigues 2010: 13), foi colocado junto à parede Oeste da estrutura. Representa, pelo menos, um indivíduo adulto, possivelmente do sexo masculino (Rodrigues 2010). É possível que estes ossos pertençam ao Esqueleto 2 uma vez que correspondem às peças ósseas em falta no indivíduo (*Ibidem*).

Sem organização aparente, recuperaram-se três elementos ósseos humanos (UE 469): “um úmero direito, um fragmento de diáfise de cúbito e uma diáfise de tibia esquerda” (Rodrigues 2010: 12), separados entre si por uns poucos centímetros.

Estes ossos apresentavam um bom estado de preservação e pertenceriam a, pelo menos, um indivíduo adulto do sexo feminino (Rodrigues 2010). Estavam perto da parede Oeste da estrutura.

Para além dos restos humanos, mas sem relação directa com estes, foram identificados vestígios de fauna mamalógica (UE 623). Estes vestígios apareceram apoiados à UE 594 que correspondia a um conjunto de calhaus e blocos de granito que parecem ter assumido uma “disposição aleatória na horizontal, sub-horizontal e vertical” (Porfírio *et al.* 2010).

Os materiais cerâmicos até agora analisados por uma de nós (JRI), oriundos dos diferentes níveis de enchimento da estrutura, tinham características próprias das cerâmicas calcolíticas, pelo que permitem inserir os enterramentos nesta cronologia.



Fig. 7.— Ossário e ossos soltos provenientes do contexto funerário 1 de Alto de Brinches 3 (s. Porfírio *et al.* 2010)

## 2.2. Torre Velha 3

### *Localização administrativa e contexto físico e ambiental*

Administrativamente, o sítio da Torre Velha 3 localiza-se na freguesia de São Salvador, concelho de Serpa, distrito de Beja, à coordenada de M 253 962.711; P 111 569.121, com a altitude máxima de 180.70 m (Porfírio *et al.* 2009).

Implantava-se numa colina, cujos lados norte e oeste apresentam um declive mais acentuado, num meio pautado por ondulações bastante suaves, cujas cotas se encontram entre os 200 m e os 230 m, típicos da peneplanície alentejana. A homogeneidade deste relevo vê-se “interrompida pelo vale encaixado do Rio Guadiana e pelos relevos residuais da Serra de Ficalho” (Porfírio *et al.* 2009: 6).

Em termos hidrográficos, o sítio encontrava proximidade com alguns afluentes da Ribeira do Enxoé: o Barranco da Laje que contorna a elevação onde se localizava o sítio da Torre Velha 3, correndo no sentido Este-Oeste; e, a uma distância aproximada de 3 km para Leste, o Barranco do Franco (*Ibidem*).

Geologicamente este sítio situa-se no maciço de Beja, nos “Pórfiros de Baleizão”, unidade (sub) vulcânica ácida, pós metamórfica caracterizada por uma tonalidade avermelhada dos afloramentos. A Oeste da Torre Velha 3, encontra-se o complexo gabrodiorítico de Cuba (Porfírio *et al.* 2009: 6). Em Torre Velha 3 existe “confluência de granitos desagregados do paleozóico, essencialmente filões concentrados à cota mais elevada da orografia, predominando os carbonatos, cobertos por argilas de aluvião” (Porfírio *et al.* 2009: 7).

### *Breve historial dos trabalhos e caracterização arqueológica do sítio*

Os primeiros vestígios arqueológicos no local foram detetados pela empresa Empatia Lda. (Porfírio *et al.* 2009). A intervenção arqueológica por parte da empresa *Palimpsesto Lda.* teve início em Dezembro de 2008, tendo os trabalhos decorrido no âmbito da minimização dos impactes da construção da Barragem

da Laje. A intervenção possibilitou a identificação de um significativo número de estruturas, que permitiram aferir a ocupação deste sítio desde o Calcolítico até à Antiguidade Tardia (*Ibidem*).

O período calcolítico, que corresponde à primeira fase de ocupação, está representado por poucos contextos, ou seja, por “27 unidades estratigráficas” (Porfírio *et al.* 2010: 55), sendo apenas cinco estruturas, nomeadamente fossas e fossas com enterramentos humanos, de características interessantes. As duas fossas com enterramentos localizavam-se na zona oeste do povoado, muito próximas uma da outra, distando poucos metros entre si.

### *Contextos e práticas funerárias*

#### Contexto funerário 1 (UE 2205)

Esta estrutura do tipo fossa apresentava um contorno circular, perfil rectangular, as paredes quase retilíneas e base aplanada. Media cerca de 2 m de diâmetro por 1 m de profundidade.

Continha nove unidades estratigráficas das quais sete eram depósitos sedimentares. No interior da fossa, junto às paredes desta, apareceu uma estrutura formada por pedras de pequeno e médio calibre, que se encontravam dispostas na horizontal e sub-horizontal, formando um anel. O esqueleto (UE 1998) estava inserido no anel (UE 2082), porém não se pode dizer que este estruturava o enterramento uma vez que o indivíduo estava depositado junto à parede, ficando a área central livre.

Tratava-se de um enterramento primário, em que o esqueleto (UE 1998 = 2155) foi depositado numa orientação Sul (cabeça) / Norte (pés), em decúbito dorsal, junto à parede Este. Apresentava um mau estado de preservação que não permitiu perceber a orientação da face nem realizar análises para aferir o género a que pertencia. Tratava-se de um indivíduo não adulto.

Não se detetaram objetos diretamente associados ao enterramento. Contudo os materiais cerâmicos recuperados das restantes unidades estratigráficas tinham características típicas do período calcolítico. Neste sentido, podemos integrar este enterramento neste momento cronológico.



*Fig. 8.— Contexto funerário 2 da Torre Velha 3 (s. Porfírio et al. 2009)*

## Contexto funerário 2 (UE 2273)

Esta estrutura do tipo fossa apresentava um contorno circular, perfil rectangular e base aplanada. Media aproximadamente 2 m de diâmetro por menos de 1 m de profundidade.

Era composta por seis unidades estratigráficas das quais três eram depósitos sedimentares. Como ocorreu para o enterramento (UE 1998), também o esqueleto (UE 2015) estava inserido num anel (UE 2014), não podendo dizer-se que este estruturava o enterramento uma vez que o indivíduo estava depositado junto à parede, ficando a área central livre.

Tratava-se de um enterramento primário (Fig. 8), de um indivíduo do sexo masculino, adulto, entre os 30 e os 50 anos. Apesar de se encontrar em mau estado de preservação, foi possível perceber que estava depositado em decúbito lateral direito, orientado no sentido Oeste (cabeça) / Este (pés). Encontrava-se junto à parede Norte da fossa, com as costas viradas para esta.

Apesar deste enterramento não ter oferendas associadas, os materiais cerâmicos que foram recuperados dos diferentes depósitos de enchimento da estrutura permitem, pelas suas características, colocar o enterramento no período calcolítico.

### 2.3. Porto Torrão

#### *Localização administrativa e contexto físico e ambiental*

Administrativamente, o sítio de Porto Torrão localiza-se na freguesia e concelho de Ferreira do Alentejo, distrito de Beja, à coordenada de M 247109.1380; P 110139.3230.

Este sítio implanta-se numa área aplanada, com uma pequena elevação, à altitude de 178,31 m, no seio da peneplanície alentejana (Valera e Filipe 2004;



Rebuge *et al.* 2010). A ribeira do Vale do Ouro”, que corre no sentido Nordeste / Sudoeste “corta” o sítio, aparentemente, pela sua zona central (*Ibidem*).

Geologicamente, Porto Torrão ocupa uma área composta por formações do Miocénico marinho (areolas, arenitos e calcários esbranquiçados). Ocorrem à superfície impregnações de calcário e do designado “caliço”, este último corresponde a um “calcário branco pulverolento ou concrecionado em posição horizontal” (Valera e Filipe 2004: 30; Rebuge *et al.* 2010).

### *Breve historial dos trabalhos e caracterização arqueológica do sítio*

Porto Torrão foi descoberto na primeira década de 80 do século XX por José Morais Arnaud. Na altura este arqueólogo efectuou trabalhos de prospeção de superfície, de prospeção geofísica, estes últimos não publicados, e sondagens arqueológicas (Valera e Filipe 2004; Rebuge *et al.* 2010). Os trabalhos de prospeção de superfície realizados por José Morais Arnaud, permitiram determinar a área de abrangência deste local, entre os 75 ha e os 100 ha, caracterizando-o como sub-circular e com área central diferenciada por se localizar numa pequena elevação. Das sondagens arqueológicas realizadas na zona central de Porto Torrão, registou-se o aparecimento de estruturas, nomeadamente, de “muros”, “pavimentos” e “empedrados semicirculares” e abundantes “restos de fauna” e de “cerâmica” (Valera e Filipe 2004).

No que diz respeito aos materiais, registou-se o aparecimento de diversos fragmentos de cerâmica campaniforme. Estes materiais estavam circunscritos “à zona central do povoado, numa área com cerca de 200 m de diâmetro” (*Ibidem*). Destaca-se a existência de campaniformes com decoração de estilo pontilhado geométrico e internacional de bandas, sendo a decoração incisa bastante menos expressiva; o motivo cordado AOC está representado apenas num caso (Valera e Filipe 2004: 31). Estudos arqueométricos mostraram que estas cerâmicas foram produzidas localmente (Valera e Filipe 2004).

No que diz respeito a outros materiais de carácter simbólico foram, ainda, identificados diversos ídolos cilíndricos, em mármore; uma figura zoomórfica em cerâmica (bovídeo); vários fragmentos de “ídolos de cornos” e um ídolo troncocónico, com “cabeça achatada”, em mármore (Valera e Filipe 2004: 31). Identificaram-se, também, alguns almofarizes em mármore (Valera e Filipe 2004).

Ao nível dos materiais metálicos registou-se o aparecimento de uma chapa de ouro, dois furadores, pedaços de calcopirite e um cadinho.

Quanto aos materiais líticos, estão representadas as “pontas de seta de base recta e côncava, lâminas, denticulados, raspadores, furadores, lascas, e lamelas e percutores esfereodais” (Valera e Filipe 2004: 31). Os elementos em pedra polida eram pouco expressivos.

Foram recolhidos vestígios de fauna mamalógica e malacológica. Ao nível da fauna mamalógica a presença de cavalo é elevada, aumentada nos depósitos onde está presente o campaniforme. A fauna malacológica consiste em moluscos marinhos e estuarinos (*Ibidem*).

Em 2002 e 2003, o local foi alvo de uma intervenção arqueológica, pela *Era – Arqueologia S.A.* Esta ocorreu de modo a minimizar os impactes decorrentes das obras de construção da linha de alta tensão Alqueva – Ferreira do Alentejo – Sines, projecto da REN (Valera e Filipe 2004).

Das escavações efectuadas numa zona mais central do povoado, a Norte da Ribeira do Vale do Ouro, foram identificadas várias estruturas, escavadas no substrato rochoso, atribuíveis a diferentes fases construtivas, num total de 3 fases de ocupação relativas à Pré-História.

A Fase 1, mais antiga, correspondia ao fosso 1 e às fossas 6, 7, 8 e 9. O fosso, que se encontrava “no canto SO da área escavada”, tinha uma largura de cerca de 2,50 m, na base, por 3 m de profundidade (*Ibidem*). O carácter parcial da

escavação não permitiu obter informações quanto ao comprimento e planta da estrutura. As fossas 6, 7 e 8 foram abertas nos sedimentos que preenchem o fosso, em diferentes momentos. A fossa 9 foi escavada na crosta calcária, localizando-se a oeste do fosso já referido. Para as evidências estudadas nesta fase foi apontada como cronologia possível o Neolítico Final (*Ibidem*).

A Fase 2 contemplava o fosso 2 e as fossas 2, 3 e 5. O fosso 2 situava-se no canto Nordeste da área intervencionada. Foi possível determinar que tinha 5,90 m de largura por 3,40 m de profundidade (Valera e Filipe 2004). Não foi possível aferir o seu comprimento e planta. As fossas 2 e 3 estavam implantadas entre os dois fossos. A fossa 2, de reduzidas dimensões e planta sub-circular, tinha no único depósito que a preenchia abundantes vestígios de “fauna mamalógica, de cerâmica manual, um ídolo cilíndrico em cerâmica e um fragmento de queijeira” (Valera e Filipe 2004: 36). Nos dois depósitos que preenchem a fossa 3, registou-se um número significativo de cerâmica e de fauna mamalógica. A fossa 5 foi escavada no último depósito que preenchia o fosso 1 e continha alguma cerâmica manual e três pesos de tear.

Para o conjunto destas estruturas e dos artefactos foi avançada uma cronologia do “Calcolítico Pleno” (*Ibidem*).

A Fase 3, mais recente, correspondia à “fossa 4 e depósitos finais de colmatação que extravasam os limites dos fossos” (*Ibidem*). Para a fossa 4 apuraram-se as dimensões e a planta. Dos seus três depósitos de enchimento, o último apresentava um “enrocamento com pedras, entre as quais fragmentos de dormentes de mós” (Valera e Filipe 2004: 36). Foram ainda identificados nos seus depósitos pequenos fragmentos de cerâmica manual, dois fragmentos de cerâmica campaniforme e uma taça inteira. Nos dois depósitos superiores apareceu cerâmica campaniforme de estilo geométrico. Considerou-se que se estava perante evidências de um “momento avançado do Calcolítico” (Valera e Filipe 2004: 37).

Na Fase 4 integravam-se os depósitos afetados pelos trabalhos agrícolas. Nestes depósitos, os materiais pré-históricos, modernos e contemporâneos surgem misturados.

De modo a minimizar os impactos negativos sobre o património cultural, decorrentes das obras para a implantação dos Blocos de Rega de Ferreira do Alentejo e Valbom, a *EDIA, S.A.* foi promotora de novas intervenções arqueológicas no sítio de Porto Torrão, a partir de 2008 (Rebuge *et al.* 2010), tendo para tal contratado várias empresas de arqueologia, como a *Neoépica*, a *Archeo'Estudos, Lda.* e a *Crivarque*.

Os trabalhos, realizados pela empresa *Archeo'Estudos, Lda.* decorreram em 2009, numa 2ª fase de trabalhos no sítio. Incidiram no Sector 3 – Oeste, onde foram intervencionadas sete áreas, de A a G, definidas de forma sequencial ao longo do referido sector. De notar que na 1ª fase dos trabalhos, a empresa *Neoépica* já tinha aberto algumas sondagens manuais nesta área, pelo que os trabalhos, nestes pontos, ficaram sempre a cargo dessa empresa.

Na Área A foram identificadas mais de vinte estruturas negativas e algumas estruturas positivas para as quais não se apurou a funcionalidade, nomeadamente, “empedrados e (...) restos de um muro” (Rebuge *et al.* 2010: 18). Aí, na estrutura negativa nº 15, foi identificado um enterramento.

Os trabalhos desenvolvidos na Área B, permitiram identificar várias estruturas negativas, entre elas um buraco de poste (EN2) e fossas. Na estrutura negativa nº 8 foram recuperadas várias peças cerâmicas inteiras. Nos depósitos que preenchiem a estrutura 7 foram encontrados inúmeros vestígios de fauna e cerâmica, e ainda, “vestígios de barro de revestimento (barro de cabana) queimado” (Rebuge *et al.* 2010: 28). Apareceu também um possível pavimento feito com pedras de caliço que parece relacionar-se com a estrutura positiva UE 59 da qual fazem parte grandes pedras e moinhos moventes e dormentes (Rebuge *et al.* 2010).

Na Área C surgiram várias estruturas em negativo, com um relativo grau de preservação, condição que terá permitido que delas se recuperassem vasos cerâmicos inteiros, decorados e que revelavam deposição intencional (Rebuge *et al.* 2010: 30). Dos depósitos sedimentares superficiais foram recuperadas pontas de seta, artefactos em cobre e líticos (*Ibidem*). Para esta área não se registaram enterramentos em estruturas negativas. Estes, em número de três foram depositados “sob terras imediatamente existentes sobre o substrato geológico” (*Ibidem*: 32) e, segundo informação dos arqueólogos responsáveis, correspondiam a enterramentos de época mais recente, “Tardo Romana ou Alti-Medieval”.

Do conjunto de estruturas em negativo identificadas na Área D, destacamos a nº 23 por ser revestida com barro e conter pesos de tear. Foi considerada como um forno para cozer pesos de tear (Abranches *et al.* 2010). Nesta área, foram identificados enterramentos em duas estruturas (EN 28 e EN 29) (*Ibidem*).

Na Área E encontraram-se várias estruturas em negativo escavadas no substrato geológico, tais como fossas e vestígios do que foram consideradas duas estruturas com funções habitacionais. Da fossa (EN 105), foram recolhidos fragmentos de “ídolos de cornos”, a quase totalidade e uma peça cerâmica decorada e fragmentos de pesos de tear com morfologia de crescente (Rebuge *et al.* 2010). Foi também encontrado outro forno, embora diferente do já referenciado (EN 16). Quanto aos elementos que dizem respeito ao mundo dos mortos, identificaram-se duas fossas (EN 15 e EN 205) com restos osteológicos.

A intervenção na Área F possibilitou a identificação de dez estruturas escavadas no subsolo. Tratam-se de fossas das quais se destaca a EN 10 por se ter identificado, no seu interior, um depósito de calço em forma de meia-lua (Rebuge *et al.* 2010).

Por último, na Área G apareceu apenas uma estrutura em negativo com mais de 6 m de diâmetro por mais de 2 m de profundidade. Aí foram encontrados “fragmentos de recipientes cerâmicos com fuligem de combustão nas suas

paredes, artefactos de pedra polida e de pedra talhada”. J. Rebuge *et al.* (2010: 45-46), considerou que se tratava de um contexto habitacional calcolítico. Não se detectaram contextos funerários.

### Sector 3 – Oeste (2ª Fase)

#### Contexto funerário 1 (Área A, UE 43a = 43b)

A estrutura negativa nº 15, onde permanecia depositado este enterramento, era uma fossa de contorno circular, secção em U e base aplanada. Media cerca de 2 m de diâmetro por cerca de 2 m de profundidade (Umbelino e Amorim 2010). Era preenchida por oito unidades estratigráficas. O esqueleto (UE 0054) encontrava-se envolvido pelo depósito sedimentar UE 43a = 43b, a 50 cm de profundidade do topo da estrutura.

Abaixo do enterramento foram encontrados depósitos sedimentares com vestígios de combustão, evidenciada pela presença de carvões e de oxigenação, o que faz pensar na existência de uma possível lareira. Num nível abaixo, a UE 43e = 43f continha pedras de grandes dimensões e fragmentos de grande recipientes cerâmicos que, devido à sua abundância, cobriam a base da estrutura (*Ibidem*).

O Enterramento 1 (UE 0054) (Fig. 9) correspondia a uma inumação primária individual. O corpo foi depositado em decúbito lateral direito, junto à parede Nordeste da estrutura, no sentido Oeste / Este. Quanto à posição, o corpo encontrava-se em decúbito lateral direito, com o crânio sobre o parietal direito, o membro superior direito estava estendido e o esquerdo estava flectido formando um ângulo de 45 graus, os membros inferiores estavam flectidos (Umbelino e Amorim 2010).

Trata-se de um indivíduo não-adulto em bom estado de preservação. A idade à época da morte, estaria compreendida entre os 2 e os 4 anos, e a altura era de 67 cm (*Ibidem*).



Fig. 9.— Contexto funerário de Porto Torrão Sector 3 – Oeste (s. Rebuge *et al.* 2010)

Não foi identificado nenhum espólio directamente associado ao esqueleto porém, no interior da estrutura, nos vários depósitos que a preenchiam, foi registado o aparecimento de restos de fauna de mamíferos de grande porte, de elementos que evidenciavam a existência de combustão, para além de um grande quantidade de fragmentos cerâmicos, destacando-se vários fragmentos de um “recipiente campaniforme com decoração em pontilhado geométrico, com bandas de triângulos preenchidos” (Rebuge *et al.* 2010: 174).

### Contexto funerário 2 (Área D)

Este contexto funerário corresponde a uma fossa (EN 29) de contorno circular e perfil sub-rectangular, com as paredes um pouco irregulares e a base aplanada. Media cerca de 1,70 m de diâmetro por cerca de 1,20 m de profundidade.

Era composta por sete unidades estratigráficas, quatro correspondentes a depósitos sedimentares e as UEs 63e e UE 63f representando os esqueletos (Rebuge *et al.* 2010). O indivíduo que corresponde à UE 63e foi designado por nós de nº 1 e o da UE 63f de nº 2.

Os esqueletos encontravam-se ao mesmo nível topográfico, a 1,20 m de profundidade, perto da base da estrutura.

O Enterramento nº 1 correspondia a uma inumação primária. O corpo foi depositado em decúbito dorsal até à cintura pélvica. O crânio estava deitado sobre o parietal e temporal direitos orientado para Oeste, e os membros inferiores estariam fletidos verticalmente, estando os pés orientados para Este, o membro superior esquerdo estava flectido perfazendo um ângulo de 45 graus e a mão estava próxima da face. O braço e antebraço direito estavam fletidos em ângulo de 120 graus, encontrando-se a mão sobre a bacia. A clavícula esquerda encontrava-se junto do crânio do Enterramento nº 2, e os pés estariam sobre este (Umbelino e Amorim 2010). Registou-se ainda “a desarticulação do úmero e rádio esquerdos” (Umbelino e Amorim 2010: 15).

Tratava-se de um indivíduo do sexo feminino, em bom estado de preservação com  $165,38 \pm 3,53$  cm de altura. A sua idade, à época da morte, seria de “ $66 \pm 15,50$  anos” (Umbelino e Amorim 2010: 18).

O Enterramento nº 2 correspondia a uma deposição primária junto à parede Norte da estrutura. O corpo foi orientado no sentido Oeste / Este, em decúbito lateral parcial, estando o esqueleto axial em decúbito dorsal. A cabeça estava voltada para a parede norte da estrutura, estando o crânio sobre o parietal esquerdo. Os membros inferiores estavam flectidos sobre o lado esquerdo. Quanto aos membros superiores, o cúbito e o rádio esquerdos estavam sobre o úmero do mesmo lado, o braço direito encontrava-se flectido sobre o peito num ângulo de 45 graus (Umbelino e Amorim 2010). Tratava-se de um indivíduo adulto, do sexo feminino de estatura entre os  $154,21 \pm 8,44$  cm e  $154,50 \pm 6,96$  cm. À época da morte a sua idade seria de “ $67 \pm 15,50$  anos” (Umbelino e Amorim 2010: 23).

O Enterramento nº 1 estava acompanhado de um pequeno recipiente cerâmico depositado “sob a primeira costela direita e sobre a escápula direita” (Umbelino e Amorim 2010: 17). A peça, recolhida inteira, correspondia a uma pequena taça de perfil em S com uma carena média/baixa pouco vincada, o diâmetro rondaria os 9 cm por cerca de 6 cm de profundidade. A coloração muito escura da pasta sugere uma cozedura redutora e a superfície parece ter sido apenas alisada (Fig. 10).

O Enterramento nº 2 não continha oferendas cerâmicas ou líticas, porém foi identificado um osso de macro-fauna “sobre o osso do coxal direito” (Umbelino e Amorim 2010: 22).

Em todos os depósitos sedimentares apareceram restos de fauna sem conexões. Dois dos depósitos que estavam acima do sedimento que envolvia o enterramento mostravam evidências de combustão quer pela sua coloração, quer pela presença de carvões de pequenas dimensões (Rebuge *et al.* 2010).



*Fig. 10.— Vaso ofertado a uma das mulheres do enterramento duplo de Porto Torrão Sector 3 – Oeste (s.Rebuge et al. 2010)*



### Contexto funerário 3 (Área D)

A fossa (EN 28) apresentava um contorno circular, secção em U e base aproximadamente plana. Media de diâmetro 1,28 m por cerca de 50 cm de profundidade (Umbelino e Amorim 2010).

A UE 77a envolvia o esqueleto (UE 077b), a 36 cm de profundidade, na parte inferior da estrutura (Rebuge *et al.* 2010).

Este enterramento correspondia a uma inumação primária. O corpo estava orientado no sentido Sul / Norte, em decúbito lateral direito. O crânio estava sobre o parietal direito, os membros superiores encontravam-se flectidos, estando a mão esquerda junto à face. Os membros inferiores estavam flectidos sobre o lado direito. Encontrava-se depositado perto da parede Este da fossa, com as costas viradas para o interior da estrutura. O esqueleto apresentava um mau estado de preservação, mesmo assim, foi possível apurar que se tratava de um adolescente cuja idade seria de “15 anos ± 35 meses” (Umbelino e Amorim 2010: 27).

No depósito que envolvia este enterramento registou-se o aparecimento de um número significativo de fragmentos de cerâmica com características do Calcolítico (Rebuge *et al.* 2010; Umbelino e Amorim 2010).

### Contexto funerário 4 (Área E)

Este contexto funerário também era uma fossa (EN 205), de contorno sub-circular muito irregular, secção em saco e base aplanada. Media cerca de 1,50 m de diâmetro por cerca de 1 m de profundidade.

Esta estrutura era preenchida por um único depósito sedimentar, estando os depósitos ósseos (UE 1512b), na base da estrutura (Rebuge *et al.* 2010).

Esta deposição está representada a nível de elementos ósseos por um crânio e por uma mandíbula, depositados junto à parede Oeste da fossa, estando o crânio deitado com a face inferior da mandíbula encostada à parede. Os elementos ósseos registados neste enterramento representavam um indivíduo do sexo feminino. O crânio e a mandíbula apresentavam diferentes graus de preservação, estando a última melhor preservada.

#### Contexto funerário 5 (Área E)

Era uma fossa (EN 15) de contorno circular, perfil sub-rectangular e base aplanada, com cerca de 1,10 m de diâmetro por aproximadamente 0,80 m de profundidade.

O *calvarium*, encontrava-se aproximadamente a meio da estrutura, na UE 40d (Rebuge *et al.* 2010).

Este enterramento era constituído por uma deposição secundária, de um *calvarium*, ou seja, um crânio sem mandíbula. Estava deposto sobre o parietal direito, encostado à parede Este da fossa. Esta peça osteológica, em mau estado de preservação, correspondia a um indivíduo não-adulto, cuja idade à época da morte seria de “9 anos ± 2,5 anos” (Umbelino e Amorim 2010: 31).

### 3. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS E ALGUMAS INTERPRETAÇÕES

O conjunto de dados analisados permitem-nos perceber que os enterramentos, localizados em contextos de povoado (ex. Alto do Brinches 3 e Torre Velha 3) ou de recinto monumental (ex. Porto Torrão), foram, em termos arquitectónicos, todos eles realizados no interior de fossas escavadas no substrato rochoso.

No interior destas estruturas os cadáveres foram directamente depositados sobre os sedimentos, com exceção de um, em Alto de Brinches 3, onde o inumado foi

introduzido num pequeno covacho oval (sepultura plana) aberto nos sedimentos da própria fossa.

Apesar de as más condições de preservação das peças osteológicas não terem permitido aferir o género para todos os esqueletos, verificou-se uma maior representatividade dos indivíduos do sexo feminino.

Quanto à idade dos indivíduos, à época da morte, foram encontrados esqueletos de crianças, de jovens, de adultos e de idosos, não se estabelecendo, assim, nenhum padrão.

No que diz respeito aos ritos de enterramento, existe uma preferência pela inumação individual, maioritariamente primária, registando-se alguns casos de deposição secundária, na forma de ossários totais ou parciais.

Os inumados foram enterrados essencialmente em decúbito lateral, com variações entre eles. A sua orientação era diversificada, porém o sentido Oeste / Este registou o maior número de casos.

Embora o estudo dos materiais ainda não esteja concluído percebe-se que as oferendas de recipientes cerâmicos ou artefactos líticas e ósseos, são raras e pouco diversificadas, não se verificando nenhum padrão entre o tipo de oferenda e as características do enterramento em termos de género ou de idade. Há no entanto que destacar o aparecimento de restos de mamíferos associados ao enterramento de um idoso e de uma criança (Porto Torrão) e a associação de uma mulher, de meia-idade a idosa, a uma deposição de canídeo (Alto de Brinches 3).

Partindo do princípio de que os contextos e os ritos funerários são microcosmos que representam, no plano simbólico, o modo de vida, a cosmogonia e as crenças das comunidades que os constroem e praticam (Pearson 1999) as interpretações que sobre eles são passíveis de serem efetuadas “contar-nos-ão”, em última análise, muito mais acerca da vida do que da morte. Neste sentido, a

existência de enterramentos em contextos de povoado e de recintos monumentais, lugares onde as comunidades praticavam um conjunto diversificado de atividades, evidencia que vivos e mortos coabitavam no mesmo espaço, não se verificando uma separação efetiva e ideológica entre os dois mundos.

O aparecimento de ossários indica grande manipulação e circulação dos ossos humanos, tal como já haviam sugerido Valera *et al.* (no prelo) a propósito do *tholos* de Monte Cardim 6 e do hipogeu do Monte do Carrascal 2, embora tal pareça ser uma característica geral das comunidades calcolíticas do Baixo Alentejo interior. Ou seja, a fragmentação intencional do corpo humano e a circulação de ossos entre diversos contextos indicia a vinculação física e simbólica entre os diferentes lugares que constituiriam a paisagem calcolítica.

Os restos de fauna associados a enterramentos primários em fossa (Porto Torrão) sugerem oferendas cárneas e a prática de ritos de comensalidade, aspetos que integrariam as cerimónias fúnebres de alguns elementos da sociedade. De notar que esta prática, aparentemente rara no Calcolítico, se irá generalizar durante a Idade do Bronze regional, a indiciar processos de mudança em continuidade entre estes dois períodos.

A associação de um enterramento humano a uma deposição de canídeo, embora raro neste período, poderá traduzir a existência, em termos mentais, de uma relação de paridade entre o mundo dos humanos e de determinados animais.

A disposição dos mortos, maioritariamente de poente para nascente, parece indiciar a importância dos ciclos solares ou lunares no universo cosmológico destas populações.

A nível regional há outros contextos e ritos mortuários além dos descritos neste trabalho, a indicar grande heterogeneidade das práticas funerárias durante o Calcolítico regional. Referimo-nos aos enterramentos realizados nos *tholoi* de Centirã 2 e do Monte Cardim 6 e no hipogeu do Monte do Carrascal 2 (Henriques

*et al.* 2012; Valera *et al.* no prelo). Esta heterogeneidade que se distingue, fortemente, quer pela diversidade no investimento construtivo, quer pelo número de deposições parece indiciar que as comunidades calcolíticas traduziram, pelo menos em parte, a sua hierarquia social e as suas estruturas de poder, nos contextos e nas práticas funerárias. A este propósito referimos que, no tholos de Centirã 2, foram enterrados poucos indivíduos durante o Calcolítico (Henriques *et al.* 2012), o que levou os autores a questionarem se este monumento teria apenas fins funerários.

Em termos gerais, os dados são ainda escassos pelo que as interpretações efetuadas deverão considerar-se provisórias.

*Agradecimentos: às empresas Palimpsesto Lda.; Archeo'Estudos Investigação Arqueológica Lda.; Emerita – Empresa Portuguesa de Arqueologia, Unipessoal Lda.; a Filipe Pereira e a J. Robles Henriques. Este trabalho foi realizado no âmbito do projeto de dissertação de Mestrado intitulado "Contextos e Práticas Funerárias Calcolíticas no Baixo Alentejo Interior (Sudeste de Portugal)", apresentado à Universidade do Minho, em 2012.*

## BIBLIOGRAFIA

- ALVES, C., COSTEIRA, C., PORFÍRIO, E., SERRA, M. e ESTRELA, S. (2009): *Torre Velha 3. Relatório Final (2ª Fase). Minimização de Impactes sobre o Património Cultural decorrentes da Construção da Barragem da Laje (Serpa)*, (Relatório inédito. IGESPAR). Lisboa.
- ALVES, C., PORFÍRIO, E., SERRA, M. e ESTRELA, S. (2010): *Minimização de Impactes sobre o Património Cultural decorrentes da Construção do Reservatório de Serpa Norte (Serpa) – Alto de Brinches 3 – Relatório Final dos Trabalhos Arqueológicos*, (Relatório inédito. IGESPAR). Lisboa.
- HENRIQUES, F.J.R. *et al.* (2012): “O Tholos Centirã 2 (Brinches, Serpa) - construtores e utilizadores; práticas funerárias e cronologias”. *VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular. Villafranca de los Barros (Badajoz) 4 al 6 de Octubre de 2012. Programa y Libro de Resúmenes*.
- PEARSON, M.P. (1999): *The Archaeology of Death and Burial*. Gloucestershir.
- REBUGE, J., SÁ, A.P., CHENEY, A. e ABRANCHES, P.B. (2010): *Intervenção Arqueológica em Porto Torrão (Sector 3 – Oeste). Relatório Final*, (Relatório inédito. IGESPAR). Lisboa.
- RODRIGUES, Z. (2010): *Minimização de Impactes sobre o Património Cultural decorrentes da Construção do Reservatório de Serpa Norte (Serpa) – Alto de Brinches 3 – Relatório Final dos Trabalhos Antropológicos*, (Relatório inédito. IGESPAR). Lisboa.
- RODRIGUEZ, Z., ESTRELA, S., ALVES, C., PORFÍRIO, E. e SERRA, M. (2012): “Os contextos funerários do sítio de Alto de Brinches 3 (Serpa): dados antropológicos preliminares”. *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Almodôvar: 73-83.
- UMBELINO, C. e AMORIM, A. (2010): *Intervenção arqueológica em Porto Torrão (Sector 3 – Oeste). Relatório Antropológico*, (Relatório inédito. IGESPAR). Lisboa.
- VALERA, A.A., SANTOS, H., FIGUEIREDO, M. e GRANJA, R. (no prelo): “Contextos funerários na periferia do Porto Torrão: Cardim 6 e Carrascal 2”. *Actas do 4º Colóquio Arqueológico de Alqueva. O plano de Rega (2002-2010)*. Beja.

VALERA, A.C. e FILIPE, I. (2004): “O povoado do Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): novos dados e novas problemáticas no contexto da Calcolitização do Sudoeste peninsular”. *Era-Arqueologia* 6: 28-61.

VALERA, A.C. (2010): “Gestão da Morte no 3º milénio AC no Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): um primeiro contributo para a sua espacialidade”. *Apontamentos de Arqueologia e Património* 5: 57-62.